



APRESENTAÇÃO ÁGUA VIVA QUARENTENA

Continuando com sua missão de publicar resultados de pesquisa, participando do processo de compartilhamento de conhecimentos que se faz tanto mais necessário quanto mais está ameaçado, a Revista Água Viva apresenta um novo número.

Dessa edição, participa Vanderley da Silva, com TEMPO, PERSONAGEM E ESPAÇO: A VIVÊNCIA CONTEMPORÂNEA NO CONTO DE CORPO E ALMA, DE PAULO SESAR PIMENTEL, em que analisa o conto a partir conceito de cronotopo. Rita de Cássia Lamino de Araújo Rodrigues e Vania Ribeiro Beneti analisam *Memorial do convento*, de Saramago, em DICOTOMIAS ENTRE O CASAL REAL E O CASAL DO POVO: UM ESTUDO DAS PERSONAGENS D. JOÃO V / D. MARIA ANA E BLIMUNDA / BALTASAR EM MEMORIAL DO CONVENTO DE JOSÉ SARAMAGO. O romance é lido na clave do gênero literário a que se filia, o romance histórico. No caso, radicado na contemporaneidade, o romance utiliza o recurso da paródia para desmistificar as figuras históricas, contrastando-as com aquelas que são o verdadeiro centro da narrativa, as personagens ficcionais. Além desse deslocamento estrutural entre o ficcional e o histórico, há também um deslocamento em termos de linguagem, uma vez que os personagens ficcionais são tratados com simpatia, enquanto aos históricos é reservada a ironia.

Em O PRECONCEITO RACIAL E O TRAUMA DA ESCRAVIDÃO NO DISCURSO LITERÁRIO DE LÚÍS SILVA EM SUA OBRA NEGROS EM CONTOS (1996), Marcela da Silva, Ricardo André Ferreira Martins e Luciana Brito analisam vários contos, cruzando alguns deles com outros contos ou textos ressonantes na cultura brasileira, a partir do conceito de trauma.

Seguindo com a questão da representação da afro descendência na literatura, Renata Soares Veloso e Alba Valéria Niza, em O REALISMO ANIMISTA EM AS ANDORINHAS, DE PAULINA CHIZIANE E EM HISTÓRIAS DE LEVES ENGANOS E PARECENÇAS, DE CONCEIÇÃO EVARISTO, analisam dois contos de cada autora, utilizando como base teórica o conceito de realismo animista. Em todos os contos, um elemento fora da realidade se apresenta na narrativa, e é entendido como natural em virtude de sua inscrição na tradição animista da cultura africana.



Em *A PATERNIDADE ENCARCERADA A PARTIR DO RELATO FILIAL: UMA LEITURA DE PAI FRANCISCO, DE MARINA MIYAZAKI ARAÚJO*, Gustavo Haiden de Lacerda analisa a obra de literatura infantil, utilizando como aporte teórico tanto Marisa Lajolo quanto Vera Teixeira de Aguiar, e se debruçando sobre as questões do exercício da paternidade quando o pai se encontra encarcerado, ocorrência comum o suficiente para merecer ser abordado pela autora. Há um investimento em evidenciar o diálogo entre texto e ilustração, e as correlações entre texto e contexto, no caso, o da questão da população carcerária do país e suas relações com familiares, para os quais são convocados dados de diversas instancias nacionais que trabalham com a população carcerária, bem como concorre como aporte teórico Foucault.

Ana Carla da Silva Lima, em *O LIRISMO NA CRÔNICA E O CASO DE ELIANE BRUM*, discute duas crônicas de Eliane Brum do ponto de vista da inscrição no gênero literário. O gênero encontra espaço significativamente maior na literatura brasileira do que em outras literaturas nacionais, portanto não surpreende que o enfoque teórico utilizado seja centrado em teóricos brasileiros, como Massaud Moisés, Antonio Candido, Davi Arrigucci Jr, Afrânio Coutinho e Eduardo Portella. Após destacar a escassez de estudos sobre o gênero, a autora analisa duas crônicas de Eliane Brum, ambas sobre a relação entre a escritora e a escrita.

Em *A ESPHINGE: REFLEXÕES EM TORNO DO GÊNERO FICÇÃO CIENTÍFICA NO INÍCIO DO SÉCULO XX*, Auriane Leal Santos e Naiara Sales Araújo analisam *A esfinge*, de Coelho Neto, uma obra de ficção científica da Belle Époque brasileira. Como ser nesse gênero, o que se discute é menos o futuro do que a situação presente, seus males, seus problemas, e suas possíveis consequências. As autoras destacam que, ao contrário do que possa parecer, dada a situação pré-industrial do Brasil no sec. XIX, nossa literatura de fato conta com obras de ficção científica; no entanto, elas se adequam às peculiaridades da sociedade brasileira. Vinicius Portella Castro, em *METÁFORA E MONTAGEM (OU: DO PROCESSO METAFÓRICO COMO ACOPLAGEM ANALÓGICA)*, discute as formas como a metáfora pode ser construída dentro do discurso. Em estilo ensaístico, o autor aborda os conceitos de metáfora e de montagem.

No Espaço Literário, Cacio José Ferreira nos apresenta com *RABISCOS DE HAICAI*, nos quais elementos da floresta brasileira aparecem vertidos na forma japonesa do hai kai. A seguir, Cristiane de Mesquita Alves nos traz um longo poema monológico, *JOVENS DE*



DORES AUSENTES TÃO PRESENTES..., no qual uma voz jovem se dirige a um interlocutor, contrastando as fases da vida, juventude e velhice.

Enfim, mesmo em tempos sombrios como os que nos coube atravessar, continuamos a apresentar nossas pesquisas, nossa produção de conhecimento e a alegria que ela entalha.

Profa. Dra. Cíntia Carla Moreira Schwantes
Editora Chefe